

IMAGENS NEGATIVAS

para uma crítica cultural
feminista negra*

A tradução e consequente publicação deste artigo em português devem-se a cortesia da autora e da editora Routledge que o publicou originalmente com o nome *Negative Images Towards a Black Feminist Cultural Criticism* In GROSSBERG Lawrence NELSON Cary & TREICHLER Paula *Cultural Studies* Nova Iorque Routledge 1992

Os meios de comunicação americanos desviaram o foco da máquina fotográfica da vida negra e a quantidade de material impresso sobre o tema ficou pequena demais para ser lida. Em consequência e mínimo o número de livros publicados por ou a respeito de pessoas negras desde o começo da década. So por este motivo o livro *Black Macho and The Myth of The Superwoman* [O machão negro e o mito da Supermulher] de Michele Wallace e sob medida para a exploração comercial. Seu destino até agora foi mais garantido ainda por uma promoção publicitária quase sem precedentes

Jane Jordan

A História Negra como Mito (1981)

Phillis Wheatley sofre há demasiado tempo ataques espúrios de críticos negros e brancos igualmente por ser a *avis rara* original de uma escola de chamados poetas *mockingbird* (passaro americano que copia o canto de outros por isso chamado de tordo dos remedos) cujo uso e imitação são convenções literárias herdadas de europeus e americanos são encarados para por a coisa em termos simples como uma corrupção em si de uma expressão negra mais pura de algum modo privilegiada em formas artísticas negras como o *blues* significante os *spirituals* negros e a dança afro americana

Podemos nós como críticos escapar a uma relação *mockingbird* com a teoria destinada a ser derivativa muitas vezes até parodia? Podemos além disso escapar do racismo de tantos teóricos da crítica de Hume e Kant até os Agrários do Sul e a Escola de Frankfurt?

Henry Louis Gates Jr

A Autoridade o Poder (Branco) e o Crítico (Negro) para mim e tudo grego (1987)

Não adianta discutir com a opinião que ve toda publicação feminina negra bem sucedida e polêmica como uma conspiração monolítica para destruir a raça. Estou até disposta a admitir que a participação de negras (e negros) na produção e reprodução culturais americanas da televisão a crítica literária mostra sinais de algumas tendências lamentáveis. Embora me agrade tanto quanto a qualquer outro a crescente visibilidade de negros na televisão e no cinema sinto-me obrigada a lembrar o lado negativo: as condições materiais não estão mudando para as massas negras. Além disso, pode até ser que a vitimização econômica e política do negro pobre urbano e rural nos Estados Unidos e em todo o mundo seja de algum modo exacerbada pelas representações profundamente imperfeitas e inadequadas de raça atualmente patrocinadas por negros e não negros da alta e baixa culturas.

Acho no entanto que se enfrenta melhor esse dilema sob a forma de uma dialética crítica constante e não de censura e conclusões antecipadas. A possibilidade de que alguma coisa que eu tenha escrito ou vá escrever possa ser parte do problema faz com que me interesse pelo problema em geral. Como falta quase inteiramente ao feminismo negro uma esfera analítica e/ou autocrítica (tipo a complexa rede de conferência-jornal-publicação de livros que geralmente apoia as especulações de estudiosos acadêmicos e intelectuais brancos e muitas vezes minoristas ou terceiro mundistas) eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para escrever sobre como minha opinião do feminismo negro evoluiu sob a pressão da crítica a *Black Macho* e a luz da crescente presença pública do feminismo negro na literatura, cinema e televisão.

É necessário compreender que as vozes do feminismo negro nos Estados Unidos emergem hoje de uma longa tradição de silêncio estrutural das mulheres de cor na esfera da produção de conhecimento em todo o mundo. Raramente abordado pela tendência dominante do feminismo ou pela tendência radical ou por qualquer uma, esse silêncio tem condenado ao fracasso a maioria dos esforços para mudar o *status* e a condição da mulher negra dentro da sociedade. Existe atualmente outro perigo de que na proliferação de imagens negras na televisão, vídeos de música e em menor extensão no cinema estejamos apenas assistindo a uma variação pós-moderna desse fenômeno de silêncio da mulher negra.

Acho imperativo que comecemos a desenvolver uma perspectiva feminista negra radical. Ela pode erguer-se sobre a obra de Trinh Minh-hà, Gayatri Spivak

Hazel Carby bell hooks e Hortense Spillers naquilo que examinara a interação de gênero raça e classe nas culturas anglo americana e afro americana na medida em que podem moldar a produção de conhecimento a estrutura conteúdo e circulação do texto além da audiência de consumo

É crucial que um foco diagnóstico em como a cultura negra e branca progride e regride na questão da raça classe gênero e sexualidade não elida a tão atrasada leitura crítica ou análise textual da criatividade feminina negra sobretudo na cultura de massa onde é mais esquecida Essa análise textual poderia começar por muitos lugares mas me interessa particularmente por trazer para o primeiro plano e comparar perspectivas etnográficas e psicanalíticas sobre o outro Como os dois lados de uma progressão/regressão ocidental modernista baseada em raça e sexualidade elas precisam ser reunidas em discussões sobre o discurso de minoria pós colonial que é onde eu situaria a produção cultural feminista negra

Em particular eu enfatizaria a ideia de mito de Claude Lévi Strauss em sua obra sobre povos primitivos de cor e a ideia de mito de Roland Barthes em sua leitura da cultura contemporânea de massa precisa mente porque as duas vêm da frustração do modernismo com a História como uma narrativa linear e ideológica Igualmente as duas interpretações parecem ainda influenciar a determinação das definições políticas contemporâneas (em estudos pós modernos e culturais) de pensamento incorreto

Em um ensaio de 1988 intitulado *Mitologia e História uma Perspectiva Afro centrista do Mundo* Amon Saba Saakana fala da justaposição de mito e história em termos de racionalização pela ciência ocidental do massacre de nativos americanos e da escravização e colonização de africanos e asiáticos Na versão de Saakana o imperialismo europeu e britânico nos séculos XVII e XVIII foi inevitavelmente acompanhado pelo desenvolvimento de uma história como uma forma de discurso narrativo considerado pelo Iluminismo infinitamente superior ao mito que então servia de substituto para todas as outras visões do passado Embora as raízes da cultura grega nas culturas egípcia e etíope fossem outrora reconhecidas como africanas essas raízes foram então negadas e apagadas no momento mesmo em que civilização se tornava uma palavra polida para a capacidade de definir por poder de conquista o controle do conhecimento e o enquadramento dos significados

Continua se dando prioridade a História sobre o mito mesmo nos mais sofisticados casos de crítica

cultural pois isso forma a base de uma muito preferida consciencia historica do tipo convencionalmente necessario para a producao intelectual esquerdista e/ ou marxista no Ocidente

Sendo mais especifica interessa me menos o modo como os usos de mito por Barthes e Levi-Strauss são costumeiramente lidos como daltonicos num processo secundario de significado do que as distincões que fazem esses autores entre dois tipos diferentes de leitura de cultura por distintas categorias da população do mundo. Presume-se que as massas em *Mitologias* de Barthes e os povos primitivos nao brancos em *Tristes Tropicos* e *A Mente Selvagem* de Levi Strauss (o grosso das populações pos coloniais nao brancas na Europa e nas Americas hoje poderia ser visto como uma combinacao das duas) são menos alfabetizados menos historicos no pensamento e portanto tem menos conhecimentos que a elite branca masculina e educada que sempre esta informada

Começando com a obra de Zora Neale Hurston como antropologa sob a orientacao de Franz Boas em Columbia a tradiçao literaria afro americana adquire seu carater atual como escrita ou traducao de uma tradiçao predominantemente oral ou mitica ate então isolada da cultura branca americana dominante nao apenas pela privacao de direitos economicos e politicos mas tambem pelo confinamento num sistema que Barthes e Levi Strauss mais tarde chamarao de mito e que Trinh Minh ha recentemente denominou de desenvolvimento separado. E assim que as pessoas sem o conhecimento mais amplo e universal do historiador ou do intelectual pensam ou deixam de pensar em Historia

Mesmo quando Hurston, Levi Strauss e o critico literario afro americano Henry Louis Gates Jr. insistem em que as formulações de mito ou tradiçao oral são igualmente boas igualmente complexas e rigorosas esse foco enfatiza a relativa incompetencia da cultura negra. Pois e sempre nos termos do discurso critico dominante que se descreve e designa a pratica mitica alternativa e nao o contrario. Tampouco a inversao dos termos de interpretaçao para que mito ou tradiçao oral signifiquem Historia (como Tony Morrison tenta fazer em *The Beloved* [O amado] por exemplo) faz outra coisa que não mistificar mais ainda a relaçao fortemente desigual entre os dois discursos

Tambem as leituras psicanalíticas precisarão ser revistas em termos de raça a fim de interpretar a complexa prioridade muito caracteristicamente dada a familia ou suas aberrações em textos de ficção sobretudo de afro americanas. Que o desenvolvimento

¹ Também tomo de empréstimo aqui em parte a leitura da obra de Trueblood feita por BAKER Houston *Blues Ideology and Afro American Literature* [Blues ideologia e literatura afro americana] 1989 p 172-88

da família afro americana tem uma relação necessariamente problemática com o mito de Édipo e que a relação poderia revelar potencialmente muito sobre problemas de oralidade versus palavra escrita versus opções narrativas de escritores afro americanos a começar por *Invisible Man* [homem invisível] de Ralph Ellison onde o incesto do artista popular Trueblood é usado para reunir ideias psicanalíticas (familiar sexual) e antropológicas (etnográfico racial) de tabu ¹

Se a leitura atenta da literatura ou da cultura afro americana é assim tentada por feministas negras torna-se impossível não estabelecer a relação do texto com outros textos que lhe dão seguimento e o cercam numa teia de significado e história como Barthes le Balzac em *S/Z* mas agora com raça gênero e classe incluídos em vez de excluídos e apagados Contudo não se deve empregar a leitura atenta como um primeiro movimento automático mas antes como um estágio posterior de uma crítica teórica institucional e política que deixa irresolvidas questões textuais chave Se depois de desmistificarmos questões de produção além de como e onde a audiência recebe e vê o texto ainda resta um texto então a leitura atenta pode e deve ser empregada como instrumento de posterior investigação e análise

O importante finalmente é não apenas escrever tal crítica cultural mas promulgar a leitura cultural como um ato de resistência Embora a maioria das pessoas ligadas à repressão política nos Estados Unidos pareça ver essa análise de cultura como uma baixa prioridade sobretudo quando a análise faz perguntas sobre raça gênero e classe eu não posso conceber como alguém consegue sendo mulher negra atravessar um único dia de televisão cinema propaganda revistas e jornais sem interpretação ou análise Por exemplo não posso imaginar atravessar o recente processo de eleição presidencial nos Estados Unidos sem empregar algum modo de interpretação pois o tema mulher negra ou mulher de cor jamais foi suscitado mesmo quando ela poderia ser considerada o objeto junto com seus filhos de algumas das políticas mais repressivas dos Partidos Democrata e Republicano Assim onde e quando então nos vemos nos acontecimentos? Como negros não homens e mulheres não brancas simplesmente não era seguro aceitar qualquer representação dos candidatos fosse nos noticiários de televisão nos debates na televisão nos jornais e revistas ou na esquerda ou direita sem o pensamento próprio que envolve interpretação isto é sem contrapor outra

informação colhida em outra parte a informação oficial dada de forma tão livre e repetida

Em contraste vejam alguns exemplos nos quais a cultura de massa aborda a mulher negra numa tentativa de padronizar o feminismo negro. Como vocês se lembram muitas de nos nos familiarizamos com o nome Oprah Winfrey quando ela apareceu no papel de Sofia no filme *A Cor Purpura* adaptado de um romance feminista negro de Alice Walker mas que se tornou sob a direção e supervisão do diretor hollywoodiano Steven Spielberg uma narrativa sentimental que pouco tinha a ver com feminismo negro ou antes com a mudança do *status* e das condições das mulheres negras como um grupo. Como a mais bem sucedida apresentadora de um programa de entrevistas diurno que as redes de televisão já viram e como a primeira mulher negra a ser dona de uma prospera empresa de produção de programas de televisão e cinema Oprah Winfrey está comprando toda a literatura sobre feminismo negro em que pode por as mãos. Não só tem *The Beloved* de Tony Morrison e *Their Eyes Were Watching God* [Eles tinham os olhos em Deus] de Zora Neale Hurston (com Quincy Jones) como sua produção de *The Women of Brewster Place* [As mulheres de Brewster Place] (o romance era de Gloria Naylor) com ela mesma no papel título foi apresentada recentemente em cadeia de televisão.

Nos domingos e segundas em que a minissérie foi apresentada os telespectadores da rede puderam testemunhar o contraste entre a Oprah borbulhante e despreocupada de seu programa de entrevistas durante o dia e a Oprah espezinhada e infeliz fazendo Mattie Michaels a noite. Gordas, velhas e pobres Mattie demonstrava a tenebrosa inevitabilidade da vida da mulher negra como ela e mesmo que fosse o exato oposto da Oprah de durante o dia que tinha todas as respostas para problemas como violência doméstica, briga conjugal, doença mental e outras formas de imoralidade e perturbação sociais. Deixa pra lá seja rico parece dizer o programa de entrevistas de Oprah através de seu discurso de *Valley Girl*: seu cabelo alisado e com um penteado diferente em cada programa, seu elegante guarda-roupa de alta costura, sua muito badalada perda de peso, seu meteórico sucesso na indústria.

Por outro lado a versão para a televisão de *The Women of Brewster Place* fala de um grupo de mulheres negras que moram numa rua urbana sem saída. E a sua escolha de homens que as condena a ficar ali. Por exemplo Mattie Michaels a personagem feita por Oprah começa o programa hipotecando a casa para

pagar a fiança criminal do filho inútil. Claro, ele foge para evitar o julgamento. Mattie perde a casa e termina numa cabeça de porco em Brewster Place. Embora o filho de Mattie não fosse exatamente sua escolha, assim como alguém poderia escolher um amante, o drama nos leva a acreditar que foi sua escolha, quando adolescente, fazer sexo com um garoto inútil que a deixou grávida, e que foi sua escolha ter mimado o filho, deixando-o dormir com ela porque ele tinha medo do escuro. Se Mattie escolheu ou não o racismo dos brancos e a pobreza dos negros, sem os quais o tele drama não teria sentido, e uma questão tornada irrelevante pelo pressuposto ideológico da história, que é o de que qualquer mulher negra pode escolher livremente seguir o exemplo da Oprah diurna ou da noturna.

² Essa situação está mudando a medida que mulheres negras de classe média em geral a esposa de um negro, como no programa de Bill Cosby *The Heat of The Night* [O calor da noite] ou no novo programa *Men* [Homens] tomam-se mais visíveis. Entretanto, eu diria que há pouca ligação entre as simulações burguesas da mulher branca e a significadora mulher negra, como é compreendida pelo resto da televisão, sobretudo nos noticiários e documentários.

³ *TV Guide*, 18/29 de março, capa e p. 4/8.

⁴ Estas questões foram examinadas profundamente em outra parte, por exemplo por GUREVICH, M. BENNETT, I. CURRAN, J. & WOOLLACOTT, J. (ed.) *Culture, Society and the Media* [Cultura, sociedade e os meios de comunicação], 1982. LAZERE, Donald. *American Media and Mass Culture* [Os meios de comunicação americanos e a cultura de massa], 1987. MILLER, Mark Crispin. *Boxed in* [Dentro de um box], 1988. WALLIS, Brian & SCHNEIDER, Cynthia. *Global Television* [Televisão global], 1989.

Quando Mattie e suas amigas começam a demolir o muro que isola Brewster Place com as mãos nuas na chuva, uma noite lá pelo fim da segunda e última parte da minissérie, minha atenção, como parte da audiência, não se concentrava no relacionamento que aquelas mulheres têm com o mundo real, presumivelmente além do muro. Concentrava-se no relacionamento delas com o discurso da rede de televisão no horário noturno, que era mais uma confirmação da deplorável folha de serviços atual da televisão na caracterização de personagens femininas negras. As negras fazem dois tipos de papel: vagabundas trágicas ou mães em lágrimas. Se uma atriz negra não pode ou não sabe chorar, e melhor esquecer os planos de trabalhar na televisão. O que isto quer dizer, muito simplesmente, é que as mulheres negras representam outras, desconhecidas e mudas nas redes noturnas de televisão.²

Antes de poder tratar da política da vida real, a televisão tem de enfrentar sua própria política interna, e muito previsivelmente, apesar de sua intenção feminista, comunicada nas páginas do *TV Guide* numa matéria intitulada *There's Oprah, Jackee, Robin Givens - and a Break Men May Not Deserve*³ [E com vocês Oprah, Jackee, Robin Givens, e uma folga que os homens talvez não mereçam], o *The Women of Brewster Place* de Winfrey deixou o quadro inalterado. Por este motivo, a figura melodramática e sentimental do lesbianismo e o retrato simplório e estereotipado do homem negro, apesar da tentativa de oferecer na escolha do elenco e no roteiro, uma folga que os homens talvez não mereçam, me parecem apenas sintomáticos do fracasso maior dessa produção em encarar os problemas ocultos do discurso televisivo.⁴

Em 1986 em resposta a controversia na comunidade negra sobre imagens negativas do homem negro no filme *A Cor Purpura* fui convidada por uma organização de universitarias do Terceiro Mundo da Universidade de Berkeley California a falar sobre a responsabilidade intelectual da feminista negra. A organizadora dessa conferencia Carrie Mae Weems (hoje conhecida pintora em Nova Iorque) me fez perguntas porque via paralelos entre a promoção do meu livro *Black Macho and The Myth of The Superwoman* como capa da revista *Ms* em 1979 e a transformação do romance de Alice Walker *A Cor Purpura* em um filme de sucesso. Tanto Alice Walker como eu fomos de algum modo usadas pela estrutura de poder branco para ferrir a imagem dos negros como ela disse na carta a mim.

Michele Wallace sofreu um recuo depois da publicação de seu *Black Macho and The Myth of The Superwoman*. Algumas pessoas acharam que sua análise servia para validar para os brancos as opiniões negativas e estereotipadas dos homens negros tidas pelos brancos. Você foi portanto usada pelos meios de comunicação e pelo movimento feminista branco. Um livro como *A Cor Purpura* atua do mesmo modo?

Em 1979 um grande numero de criticos negros da revista *The Black Scholar* entre eles algumas feministas negras havia relacionado *Black Macho* com o livro de Ntozake Shange *For Colored Girls Who Have Considered Suicide When The Rainbow is Enuf* [Para moças de cor que pensaram em suicidio quando o arco iris ja basta] que se tornou um bem sucedido espetaculo na Broadway para suscitar o mesmo tipo de discussao⁵. O espetaculo comercialmente lucrativo na Broadway o filme de Hollywood ou o livro *best seller*⁶ vindos em sua maioria de industrias teatrais de cinema e editoriais branquissimas que raramente oferecem ambiente hospitaleiro ao talento negro foram e são tão essenciais quanto a ideia de mulheres negras criticando homens negros permanente e publicamente. O problema chegou a um ponto critico em relação a *Black Macho* também em 1979 quando o livro foi resenhado no *Sunday New York Times* pela poeta e ensaista feminista negra June Jordan que caracterizou sua produção como parte de uma massiva conspiração dos meios de comunicação para negar significado historico ao Movimento pelos Direitos Civis.

Em Berkeley em 1986 no meu primeiro esforço concentrado para responder a tais criticas nao tentei defender minha versão de historia contra tais ataques sobretudo porque as opinioes das pessoas que

⁵ Ver STAPLES Robert *The Myth of Black Macho: A Response to Angry Black Feminists* [O mito do machao negro uma resposta as feministas negras furiosas] 1979 e *The Black Scholar Reader Forum: Black Male/Female Relationships* [Forum do leitor negro erudito relacionamentos negros masculino/feminino] 1979

⁶ A unica lista de *best seller* onde *Black Macho* conseguiu entrar foi a do *Washington Post* mas mesmo assim ele foi largamente encarado como um *best seller*.

participaram de fato do Movimento pelos Direitos Civis no sul eram visivelmente mais abalizadas e confiáveis. Em vez disso, fiz uma defesa genérica da criatividade feminista negra como inerentemente subversiva de um *status quo* racista e exclusionista. A ideia era ir além da discussão sobre fatos e chegar a uma observação geral sobre como as negras raramente participam da produção de fato e história. Assim, quando elas fazem qualquer movimento nesse sentido, isso é potencialmente subversivo de um *status quo* repressivo.

Usei um buraco negro cheio como metáfora — um buraco no espaço que parece vazio, mas na verdade está intensamente cheio — para retratar uma criatividade feminista negra que parecia autorizar uma visão negativa da comunidade negra, mas na verdade estava com isso tentando reformular a subjetividade feminina negra como produto de uma complexa estrutura de desigualdade americana (Estados Unidos). Por criatividade feminista negra eu queria dizer todos os atos criativos públicos iniciados por mulheres negras basicamente porque eu jamais questionara — até recentemente — o feminismo intrínseco nem as políticas progressistas de expressão feminista negra, ou ademais, o poder do pensamento feminista para transformar a sociedade de um modo que beneficie a todos.

Eu defendia uma interpretação mais dialética e menos paranoica de hegemonia cultural que meio aleatoriamente se inspirava nas ideias de Hegel, Gramsci, Raymond Williams, Kenneth Burke e Frederic Jameson. Em particular, a hegemonia, como a definiu e empregou Raymond Williams, junto com a ideia de Jameson de um inconsciente político, ajudava a explicar como a produção cultural representava um complexo processo que não é fundamentalmente alterado por qualquer acontecimento cultural único. O ato individual de escrever um livro independentemente de ser Shange Walker ou eu a autora, era menos importante que a ausência de vozes críticas feministas negras publicadas, o vazio para dentro do qual escrevemos e que jamais poderíamos esperar preencher.

Desde então, me preocupei mais em incorporar as metodologias (não necessariamente de um modo exaustivo) da crítica cultural marxista, do estruturalismo, da psicanálise, da desconstrução e do pós-modernismo no desenvolvimento de uma prática crítica projetada para enfrentar as complexidades de políticas sexual/raciais como uma constelação de crescentes questões globais. Estou firmemente convencida de que se o feminismo negro ou o feminismo das mulheres de cor deve florescer de algum modo, como análise cultural, não pode continuar a ignorar o modo como Freud

Marx Saussure Nietzsche Levi Strauss Lacan Derrida e Foucault alteraram para sempre a credibilidade da verdade óbvia do senso prático ou de qualquer outra concepção unitária da realidade. Além disso, muitas feministas estão realizando estudos culturais crítica pós-moderna, desconstrutiva ou psicanalítica, e podem contribuir para as nossas formulações se as lermos a contrapelo. Como as preocupações e os assuntos das mulheres de cor quase nunca são incluídos nas definições predominantes de realidade, qualquer análise que sugira que realidade ou conhecimento não são simplesmente ofertados, mas produzidos, parece-me particularmente bem-vinda.

Contudo, essa posição particularmente engajada de teoria cultural feminista negra, que eu defendo, contesta algumas tendências mais cautelosas e céticas dentro da teoria literária afro-americana. Alguns teóricos enfatizam que os textos canônicos do Ocidente nunca incluíram nada além da mais deletéria percepção de "negritude". Como diz o eminente crítico literário afro-americano Henry Louis Gates, a questão é se nós, como teóricos, podemos escapar de uma relação tipo *mockingbird* com a teoria. Estará nosso uso da teoria destinado a ser derivativo, muitas vezes até paródia, como ele se preocupa? Podemos escapar do racismo de tantos teóricos críticos de Hume e Kant até os Agrários do Sul e a Escola de Frankfurt? (p. 35)

Por toda a obra crítica de Gates há uma preocupação permanente com a ideia de que uma pessoa negra parecerá ridícula ao adotar o discurso crítico do branco. Em sua introdução à antologia *Race, Writing and Difference* [Raça, literatura e diferença] de 1986, embora argumente que as categorias raciais são essencialmente mitológicas e perniciosas, ele também deixa igualmente claro que o escritor e crítico afro-americano está na incômoda posição de reivindicar uma herança cultural projetada para fazer com que seja impossível a ele (esqueçam ela) escrever uma única palavra. Em *Figures in Black* [Figuras em negro] de 1987, seu primeiro estudo longo, Gates invoca a figura folclórica afro-americana do Macaco Significante para descrever a relação, necessariamente subversiva e problemática, do crítico negro moderno com os métodos críticos ocidentais. Do mesmo modo, como os negros imitaram a linguagem, literatura, religião, música, dança, vestimentas, vida familiar brancas ocidentais, mas com uma diferença crítica, significativa, também a crítica literária afro-americana roubou a carne do sanduíche, mas deixou o pão branco intocado (p. xxx-xxxi, 235-236).

Contudo, para alguns críticos negros das técnicas desconstrutivas e pós-modernas, e como se os brancos

houvessem produzido a teoria critica precisamente para evitar a questao que a persistencia da desigualdade racial impoe a epoca. De uma perspectiva afrocentrica 'tendencias atuais na teoria critica parecem muitissimo um exercicio de auto absorçao destinado a reconsolidar o canone dos mestres ocidentais (nao somente Milton e Shakespeare mas Hegel, Marx e Freud tambem) trivializando com isso a analise de qualquer aspecto do desenvolvimento cultural diasporico afro americano ou africano.

Mas eu acho que Gates erra muitas vezes no esforço de retratar os textos afro americanos como uma literatura de minoria ardentemente empenhada num dialogo antagonista com a cultura de maioria branca para transcende-la e/ou transforma-la. Esse fracasso torna-se sobretudo infeliz com relação a literatura feminina afro americana contemporanea. Tendo encontrado consideravel sucesso comercial e publicitario de essa literatura poe em questao mais ainda que os livros de mulheres ou livros negros em geral, ideias academicas convencionais de uma tradiçao canonica literaria e tambem conceitos do mundo da arte de uma elite de vanguarda como inconsistentes com o apelo de massa.

Qualquer leitura atenta desses textos dissociada de seu contexto politico e cultural so serve a tarefa de uma canonizacao superficial e temporaria. Contudo por mais atenta que seja a leitura nao fornecera muita informaçao sobre como a literatura criada por negras alternadamente conspira com e se rebela contra os nossos atuais arranjos politicos e culturais. Em termos feministas e tao importante ter um meio de falar do impacto de *A Cor Purpura* sobre a maneira como o racismo ou o sexismo sao vistos na cultura contemporanea como falar de *A Cor Purpura* como uma resoluçao (literaria) simbolica da irresolubilidade concreta do racismo.

Gates começou a aventurar-se no campo cultural problematico quando escreveu recentemente:

E mesmo que so para constar quero afirmar aqui que so uma pessoa negra alienada do uso da lingua gem negra poderia deixar de compreender que estamos desconstruindo a linguagem e o discurso brancos desde aquele fatidico dia em 1619 em que fomos tocados para fora do navio na Virginia. Derrida nao inventou a desconstrucao, nos o fizemos! Disto e que tratam o blues e o significante. Nossa critica deve ser significante e vernacula, relacionada com outras teorias criticas mas indelevelmente negra, uma teoria critica propria nossa. (p. 38)

Mas a continuação de sua própria discussão aqui das raízes sociais e políticas do que se poderia chamar de nascentes desconstrução e/ou pós modernismo afro americanos só se tornam viáveis no contexto de uma leitura mais ampla da cultura como uma complexa rede de padrões e processos que coordenam a influência da alta e baixa artes da expressão vernacular e da cultura de massa em um novo e variegado campo de hegemonia cultural dominante contemporânea. Ao contrário a intenção básica de Gates parece ser delinear a tradição literária afro americana o que faz sentido em termos de consolidar o *status* dos estudos afro americanos mas em outro sentido que tenho certeza Gates não pretendia e muitíssimo lamentável. Em seu papel de destacado crítico literário símbolo o único intelectual em humanidades negro realmente levado a sério pela corrente dominante no momento e quase como se o fato de Gates escrever sobre um determinado aspecto da cultura negra canonizasse esse aspecto na hora.

A discussão por Raymond Williams dos impulsos hegemônicos para o nacionalismo e um elitismo exclusivista embutidos no conceito de tradições literárias continua relevante neste ponto. Mas o processo precisa de vigilância particular neste caso devido ao perigo potencial de metamorfosear textos políticos contemporâneos em monumentos mortos históricos para pô-los em santuários. Quer dizer pre escolher louvar e reverenciar uma parte da literatura afro americana (a ser designada como o cânone) e um processo totalmente antitético ao de empenhar-se criticamente nas questões que uma literatura afro americana (dentro ou fora do cânone) deve colocar para seu contexto político e social contemporâneo.

Assim que vai dizer uma feminista negra sobre o fato de que Henry Louis Gates Jr. é não apenas o editor da primeira Antologia Norton de Literatura Afro americana mas também o editor de uma extensa série de republicações de escritoras negras por Oxford? Ele está sozinho remodelando codificando e consolidando todo o campo de estudos afro americanos incluindo os estudos feministas negros.

Embora Gates seja sem dúvida bem intencionado em seus esforços para reconhecer e aceitar as contribuições das escritoras negras a apresentação no *New York Times Book Review* de seu recente ensaio *De Quem é Este Cânone Mesmo?* me parece alterar as balizas quando ele demonstra uma espécie de capacidade para definir pelo discurso dominante a inquirição negra feminista de uma maneira ainda não disponível para as críticas feministas negras. Os resultados até

agora sao inevitavelmente patriarcais Tendo se esta bebecido como o pai dos estudos afro americanos com a ajuda do *New York Times Book Review* ele agora se propoe tornar se a mae falica de uma nova critica literaria feminista despolitizada cooptada pela tendencia dominante e reificada

Ha uma pista para essa intencao na anedota que introduz a catarse feminista negra desse ensaio aos quatro anos Gates devia fazer na igreja o discurso

Jesus foi um menino como eu/ e como ele eu quero ser mas não conseguiu lembrar se dele nem que fosse para salvar a vida e ai sua mae no fundo da igreja se levantou e o disse por ele em cadencias fortes e emocionantes Todo mundo na igreja riu Embora Gates apresente essa anedota como um exemplo da relação simbiotica com a mae e consequentemente de seu amor por ela acho a uma historia que justifica como uma vingança pelo incidente humilhante sua apropriação da subjetividade ou voz do feminismo negro O gancho hostil esta embutido nos proprios versos pois jamais se tratou de sua mae ser um menino de algum modo parecido com Jesus

Enquanto ela e perfeitamente incapaz de apropriar se da voz dele em qualquer sentido importante ele se sente a vontade para falar por ela e por todas nos ainda por cima aprender a falar com a voz da mae negra termina Gates sinistramente seu artigo e talvez o desafio ultimo de produzir um discurso do Outro (p 45) Não so e impossivel alguem falar com a voz de outrem como tal projeto tende a consolidar mais ainda a presuncao letal global (inconsciente) no discurso dominante de que as mulheres de cor sao geralmente incapazes de descrever e muito menos analisar o mundo elas mesmas ou seu lugar no mundo

Em cada caso os pronunciamentos publicos de feminismo negro tem sido controvertidos em seu relacionamento com um feminismo negro idealizado e utopico que apesar disso permanece quase inteiramente inarticulado e não teorizado E quase como se o feminismo negro fosse convocado apenas para negar todas as tentativas de emprestar seu nome a um programa Contudo não abandonei a ideia de que a criatividade do feminismo negro e inerentemente (potencialmente) subversivo de uma hegemonia patriarcal bem como de uma hegemonia cultural branca racista e exclusionista

Vou me concentrar rapidamente nas limitações externas impostas a uma visao feminista negra por uma sociedade que se alimenta de toda resistencia e critica e as subordina mesmo quando anuncia sua mentalidade aberta pela massiva proliferação da reprodução mecanica de representacao interpretacao e analise

em forma de televisão, cinema e jornalismo impresso. Repetidas vezes, quando o espaço negativo da mulher de cor encontra a Era da Reprodução Mecânica ou pior ainda as simulações de Baudrillard, o efeito resultante é uma negra forte flutuando sobre nossas cabeças como um dos personagens de desenho animado num Desfile de Natal da Macy's, uma forma maior do que a figura da vida real, mas uma deformação sem o dom da palavra. Isso não porque qualquer negra, em qualquer lugar, pensou algum dia em se apresentar diante do público americano sem uma mensagem, mas porque a cultura lhe nega rotineira e automaticamente a oportunidade de produzir significados autônomos ou produtivos.

A gênese de *A Cor Purpura* como romance *best seller*, depois filme de sucesso, me parece oferecer um exemplo excelente de um texto que inicialmente propõe uma complexa releitura da história e literatura afro-americanas e depois se torna uma coisa inteiramente diferente no processo do seu próprio sucesso. Finalmente, a esmagadora urgência da forma ligada ao apelo de massa, um filme de Spielberg tão compulsivo quanto *E.T.* e por todos os outros mesmos motivos parece superar todas as outras considerações. Nada disso quer dizer que eu não endosse a voz feminista negra em tal produção, nem que eu não tenha gostado de *A Cor Purpura* em algum nível. Significa apenas que agora compreendo melhor que o projeto feminista, que é virtualmente parte do mesmo esquema de produção de conhecimento que trivializou o silêncio das mulheres de cor em primeiro lugar, precisa de profundos e múltiplos atos de revisão. Não basta apenas abordar o dilema representado pela condição do feminismo negro nos Estados Unidos ou no mundo como um objeto de miséria e *pathos*. O feminismo negro deve insistir numa representação oposicional crítica do tema da mulher negra.

Enquanto o feminismo negro permanece largamente subdesenvolvido em termos do seu programa, o feminismo negro não pode mais ser encarado como o mesmo mistério com que o era em 1976, quando *For Colored Girls* foi inicialmente produzido. Embora eu tenha ficado decepcionada com o seu progresso público, não posso mais negar que algumas manifestações de feminismo negro ingressaram na arena pública. Além disso, em retrospecto, o filme *A Cor Purpura* parece ter iniciado esse segundo estágio no processo de articulação pública do feminismo negro.

Em 1987, Tony Morrison publicou o romance *The Beloved*, tendo uma crítica muito calorosa nos meios de comunicação e grande acolhida da indústria editorial.

Embora não houvesse mudanças comensuráveis no *status* e na condição das negras em geral nada havia de remotamente marginal no sucesso de Morrison. Nossos inimigos persistem em ressaltar que as escritoras negras gozam agora de uma certa voga como autoras publicadas e como tópico de especulação da crítica literária.

O acontecimento chave pode ser a série de reedições de livros de mulheres negras por Oxford a figura chave e Gates e a ideia chave que cada livro escrito por uma negra deve ser impresso. Quanto ao *status* da interpretação feminista negra que agora provem todo da generosidade da mãe de todos o próprio Gates o sucesso de um pequeno número de críticas literárias negras está crescendo.

Embora eu não esteja sugerindo que esse movimento para canonizar as escritoras negras seja reacionário parece que os participantes tomam como certo que a revisão de um cânone outrora inteiramente branco inteiramente masculino e o ponto mais progressista a que se pode chegar talvez tenham razão pois essa tarefa longe está de seguramente concluída mas parece-me que também se deve considerar se as relações de poder no ensino superior ou as relações de representação na produção do conhecimento seriam alteradas significativamente por causa disso. Quando vejo o feminismo negro badalado pelo mais seguro de todos os possíveis porta-vozes na capa do mais seguro de todos os veículos culturais o *New York Times Book Review* digo que chegou a hora de começar a fazer essas perguntas.

Além disso o ventriloquismo feminista acadêmico de Gates pode ser apenas um espetáculo lateral. São os meios de comunicação que prometem oferecer a atração principal que sempre parece determinar a nossa imagem: nossa ausência de voz crítica como num filme mudo somos sempre figuras sem voz sem música e letra.

Dois nomes contam a história até o presente: Whoopi Goldberg e Oprah Winfrey que se tornaram primeiramente conhecidas como atrizes em *A Cor Purpura*. A reputação das duas, cada uma a sua maneira, perturba conceitos prévios de feminismo negro como inerentemente um processo de fortalecimento coletivo da mulher negra. Essa compreensão e nos mesmos termos da que vários marcos históricos de sucesso de mulheres brancas ou homens negros não transformaram essencialmente a brutal e geral desigualdade do *status quo* em relação a mulheres e negros. Uma crítica feminista negra deve agora nos fornecer os meios de investigar e articular as múltiplas dimensões do

espaço ideológico que definem o relacionamento de uma Whoopi Goldberg e uma Oprah Winfrey com *A Cor Purpura* e o ideal feminista negro agora irremediavelmente comprometido pela consubstanciação concreta. Tampouco podemos continuar a deixar de arranjar um meio de comentar o sucesso de Grace Jones, Aretha Franklin, Tina Turner, Diane Carroll, Diana Ross, ou qualquer artista ou apresentadora negra cuja imagem funciona como ícone cultural e portanto como um ariete para todas as nossas outras aspirações políticas e culturais.

De acordo com a ideia frustrantemente geral de liberação negra (como se manifestaria na cultura de massa (a revolução não será televisionada)) ainda creditamos e descreditamos a criatividade feminista negra de acordo com o conceito mecânico de imagens negativas *versus* positivas na teoria de que tal avaliação indicara quem está realizando mais ou menos pela raça ou pela causa, como e às vezes chamado o movimento, de forma vaga mas apropriada.

Mas três anos após minha viagem a Berkeley e o lançamento do filme *A Cor Purpura*, começo a pensar se a oposição binária de imagens negativas e positivas tem alguma coisa a ver com o que Jesse Jackson chamou o mundo real na Convenção Nacional do Partido Democrático nesse verão: o mundo da pobreza e do desespero neste país e no Terceiro Mundo, que é negro e moreno e sem teto, que não pode falar por si mesmo, e que um delegado à convenção, um agricultor do Kansas, chamou de "eleitorado da dor".

O que questiono é a ideia de que o feminismo negro (ou qualquer programa) deve assumir, sem crítica, sua capacidade de falar *pelas* mulheres negras, a maioria das quais é pobre e silenciada por educação inadequada, falta de assistência médica, de moradia e de representação política. Não porque eu pense que o feminismo negro deve ter alguma função representativa da mulher negra que não pode falar por si mesma, mas porque o problema de silêncio e as carencias inerentes a qualquer representação dos silenciados precisam ser reconhecidos como uma problemática central no processo oposicional do feminismo negro.

Debate

Stuart Hall Ouvindo você esta manhã me deu conta pela primeira vez de como foi semelhante a reação e a resposta a *Black Macho*, a reação e a resposta no Reino Unido ao filme *Minha Adorável*.

Lavanderia de Stephen Frears e Hanif Kureishi. Exatamente nas mesmas bases. Não vou entrar nisso, mas aqueles entre vocês que conhecem o filme sabem que ele transgrediu em todas as bases possíveis: um filme feito por um argumentista asiático que não fez todos os asiáticos aparecerem bem, e que tem no centro um relacionamento gay entre um rapaz asiático e um rapaz branco. Você vê o que estou querendo dizer? Não digo isso de modo algum para minar a especificidade do ponto de vista feminista e a questão de gênero, mas para convidar você a comentar o risco particular da dupla discriminação quando a gente avança não apenas numa, mas em duas frentes: na frente feminista e na frente negra ao mesmo tempo. Porque uma área de duplo risco não é específica apenas para aqueles que tentam trabalhar nessa dupla frente, também suscita a questão de uma forma de intervenção crítica que não atua segundo uma política de simples inversão que entendo e o que você estava falando em seu ataque à tentativa de elaborar um canone negro em lugar do canone branco anterior. Você tratou das dificuldades de um tipo de crítica mais posicional, que envolve as políticas da crítica onde não há garantia de que sempre se gostara de toda ficção ou do cinema ou da posição tomada pelas pessoas de sua própria comunidade. Essa crítica política avança estabelecendo sua própria posição a medida que avança, porque não pode depender de um conjunto de garantias pre-estabelecidas quanto ao que é crítica politicamente correta.

Wallace O que eu queria abordar, em parte neste trabalho, era toda a ideia de duplos, como um modo de descrever essa questão de duplo risco. O que me sobra finalmente são os próprios duplos, como um princípio operacional fora de seu conteúdo particular, qualquer que seja, por exemplo, raça, gênero ou mesmo alguma coisa menos analisável, como a velhice, a invalidez ou a doença mental. Há alguma coisa problemática, do ponto de vista da descrição analítica, nas opressões que se duplicam.

Vejo uma relação com o trabalho de Douglas Crimp sobre a Aids, que era uma espécie de ilustração de um tipo de confusão que pode resultar quando dois ou mais problemas de opressão, com contingências e especificidades muito diferentes, ocorrem no mesmo espaço. O que me impressionou na análise de Crimp de um documentário do PBS [televisão do governo] sobre a Aids e que a equipe do documentário foi incapaz de lidar com um bissexual negro sem teto e com Aids do mesmo modo como lidou com outros aidéticos, não

negros. A cumplicidade deles com varios meios de controle oficial tornou se evidente. Por exemplo, pensaram em denuncia-lo as autoridades porque ele lhes informou que estava fazendo sexo sem proteçao. Enquanto isso, que ocorre com a capacidade deles de descrever a experiencia particular dele com a Aids? E alem do mais, que e que isso diz da chamada objetividade deles, se seus modos primitivos de interpretaçao e analise se despedaçam quando diante de um entrevistado que e pobre negro e com Aids (afinal, a condiçao da maioria dos aideticos)? Claro, e mais facil para eles lidar com questoes ideais, um homem branco de classe media que por acaso tem Aids, porque isso lhes permite enfocar um unico problema de cada vez. Mas nao e assim que os problemas ocorrem geralmente. Em geral, ocorrem em pencas: negro e pobre, gay e asiatico, portorriquenho e mulher mexicana e doente mental etc.

Por outro lado, o tipo de analise sobre o feminismo negro que argumenta sensatamente que ser mulher e negra e pobre e/ou lesbica ocorre na natureza, e que portanto a analise da opressao de tais duplos deve ocorrer tambem naturalmente, na verdade nao funciona para mim. E ironico que se compare o sucesso de *Black Macho and The Myth of Superwoman* ao sucesso de *Minha Adoravel Lavandeira* na Inglaterra, porque eu muitas vezes me vejo invocando a homofobia e as representacoes dos homossexuais como grupo dentro da cultura de massa e/ou alta cultura para tomar emprestada a combinaçao de analise critica e ativismo gays representados pelo trabalho ligado a organizaçao Act Up para propor um novo meio de enfoque dos problemas das mulheres de cor.

E absolutamente uma funçao da logica da dominaçao hegemonica que e mais conveniente invocar um unico modo de diferenca de cada vez. A descriçao e analise feministas depararam se bastante com esse problema. Quando a gente tenta invocar mais de um tipo de opressao, sobretudo se um ou os dois tipos foram sublinhados, a tentativa pode sair pela culatra. E so agora começo a compreender as implicaçoes do fato de que nao e apenas o duplo de ser negro e mulher, mas o duplo de ser nativo americano e mulher, o duplo de ser gay e pobre, todos os duplos. Obviamente mais problematico e ter de viver de fato com o duplo risco. Mas nao sera que parte desse problema tem precisamente a ver com o problema de representaçao?

Mas o que me preocupa e que a representaçao do duplo risco deve possibilitar e dar a pessoa dentro da experiencia o poder de analisar essa experiencia e seu

relacionamento com o discurso dominante. O fato de isso não querer dizer automaticamente que pessoas que tiveram experiência com duplo risco estejam mais qualificadas para descrever a parece o oposto do que deveria naturalmente ser. Mas na verdade se a gente está tentando falar de um modo de prática cultural em que esteja pessoalmente engajado como participante há um efeito alienante e uma sensação de cometer também um ato de traição assim que você começa a descrever-lo para alguém de fora. O que estou dizendo e que se a gente está pessoalmente engajada na experiência com esse duplo risco isto torna tanto mais difícil falar a respeito sobretudo em termos de estudos culturais. Isso me parece potencialmente perigoso.

Pergunta Pode nos dizer por sua experiência como podemos criar uma ética de crítica dentro de nossas comunidades? Podemos aprender com a dor e com as dificuldades que você sofreu?

Wallace Há muitas baixas com o passar dos anos não apenas eu e não apenas mulheres negras. Uma das coisas que desejo dizer e que no horizonte aqui está o modelo desta própria conferência. Acho importante não pensar nisso como um modelo de sacrifício que podemos depois impor aos outros. Acho que Cary tinha razão ao dizer que esta conferência é uma parte de outro processo. Minha única recomendação específica e que dentro das práticas acadêmicas de estudos culturais uma grande gama de trabalhadores culturais empenhados na produção cultural **contemporânea** deveria ser incluída ouvida e estimulada a usar os vários enfoques e fórmulas de estudos culturais de um modo especulativo. Precisamos da participação das pessoas que estão nas linhas de frente nesse sentido seja lutando com os conflitos da alta cultura nas várias instituições seja na cultura pop no mercado como as pessoas que fizeram *Minha Adorável Lavanderia* ou os muitos cineastas que habitam as margens entre a tendência dominante e a vanguarda. E dessas práticas emergentes que sempre vira a mudança.

Parece-me que a gente deve se engajar com pessoas que enfrentam problemas contemporâneos de representação no campo da política e no campo da cultura alta e de massa. Também aqui o ensaio de Crimp no qual ele comparava representações visuais da Aids numa exposição de fotos no Museu de Arte Moderna e a representação da Aids no programa *Frontline* do PBS me ocorre como um bom exemplo do benefício que se pode obter justapondo o que foi superanalisado com o que teve muito pouca análise.

Essa justaposição resulta de uma situação cultural atual realmente em aberto – ninguém sabe a resposta. Não é uma discussão na qual se pode determinar de antemão a resposta politicamente correta. Assim, a finalidade é o fechamento da descrição acadêmica e não só impropria, mas também desaconselhável. E há muitas pessoas tentando fazer esse tipo de trabalho lá fora e que se sentem desligadas e alienadas dos estudos culturais. Acho isso uma vergonha.

bell hooks Quando *Black Macho* foi lançado nós não nos conhecíamos. Quando *Ain't I a Woman* [E eu num sou mule?] surgiu e eu passei pelo mesmo sofrimento e censura, nós não nos conhecíamos. Logo, uma das coisas que acho que as pessoas de cor deveriam fazer e criar um tipo de solidariedade a fim de podermos constituir um espaço crítico para todos onde possamos fazer afirmações e críticas de um modo positivo. Eu estava pensando na questão de qual é nossa responsabilidade como pessoas de cor quando escrevemos fora de nossa comunidade sobre pessoas desprivilegiadas ou sobre coisas sagradas para nossa comunidade. Por exemplo, meus pais ficaram muito zangados com minha obra e com o que eu disse sobre eles em *Talking Back* [Respondendo]. Veja por exemplo o fato de que eu e você parecemos criticar Spike Lee por questões de gênero. Recentemente, algumas pessoas me acusaram de estar caindo em cima de Spike Lee. Mas eu não estou. Estou interessada em Spike Lee e quero respeitar o trabalho dele pensando nele de uma forma crítica e analítica. Isso exige que estabeleçamos um esquema que possa distinguir entre criticar uma obra de afro-americanos como crítico afro-americano para outros afro-americanos e meter o pau. Essa distinção deve ser deixada clara.

Janice Radway Posso abordar a questão da ética? O que me ocorreu como resultado de fazer etnografia particularmente de uma elite e que existem meios de usar nosso conhecimento de uma compreensão de determinações inconscientes para obter um bom efeito. Acho que podemos trabalhar muito para despersonalizar essas questões reconhecendo boa vontade naqueles que criticamos mas reconhecendo que as práticas e discursos institucionalizados nos seguram a todos. Assim, em nossa crítica podemos tomar como alvo essas práticas e discursos reconhecendo ao mesmo tempo as melhores intenções daqueles dos quais discordamos. Acho que é importante nos implicarmos nesses processos reconhecermos que também nós somos segurados por discursos. Devo admitir

que ha determinantes inconscientes de meus pensamentos determinantes que eu mesma simplesmente não posso descobrir Tenho de depender de meus colaboradores meus interlocutores para descobri los para mim

Wallace Minha conclusao que nao e realmente uma conclusao mas parte do processo do meu trabalho e que simplesmente não me e possivel mesmo falar aproblematica e acriticamente em favor das pessoas que são excluidas Mesmo que esteja consistentemente nas fronteiras dessas pessoas excluidas e ameace desabar em cima delas a qualquer momento em qualquer espaço determinado Meu compromisso neste trabalho e falar da questão de marginalidade e locações de exclusão Também estou preocupada em não combinar efetivamente questões de raça e genero A tentativa de combinar criticas sem fundi las em relações hierarquicas causa uma tensão entre o feminismo e outros tipos de critica entre as criticas de raça e o que outros estudos culturais definem como sendo a problematica central entre interpretações marxistas e pos marxistas de cultura Essas tensoes ou colisoes que proporcionaram os momentos mais interessantes nesta conferencia (os momentos em que se interrompe a analise e começa o debate) tem de ser combatidas em termos do desafio que representam para as tendencias correntes no discurso critico O problema das tendencias correntes no discurso critico para sermos especificas e que de certa forma se empenham nessas tensoes de um modo ilegivel as vezes incrivelmente chato as vezes visando exclusivamente uma audiência hiper educada Para mim pelo menos esse e o desafio de minha propria pratica critica

Dave Mitchell Voce poderia falar um pouco do relacionamento e do papel se vê algum para o homem negro na critica feminista?

Wallace Eu penso no feminismo como funcionando em pelo menos tres horizontes diferentes simultaneamente Algumas pessoas os vêem como estagios pelos quais avançamos e que devemos passar por esses estagios e deixar os outros para tras Mas eu acho que todos os tres continuam sendo importantes e absorventes para mantermos simultaneamente um ou dois de vez

O primeiro estagio e a ideia da igualdade da mulher e embora as pessoas vivam deixando a para tras me parece que nao devemos deixa la para tras sobretudo para mulheres de cor Continua havendo um nivel pratico em que esse ponto deve ser enfrentado

cada vez mais. O segundo nível envolve a discussão da diferença e acho que toda uma série de feminismos sobre a questão da diferença racial ou étnica precisa ser consistentemente enfrentada. Claro as lutas em torno de raça e etnicidade funcionam igualmente bem nos níveis 1 e 2.

E há o terceiro nível que descreve o tipo de engajamento em que as feministas estiveram envolvidas nesta conferência. Não aparece sempre e necessariamente sob o nome de feminismo. Esta onde podemos então nos juntar pelo menos hipoteticamente com outros tipos de crítica cultural. É o nível no qual nos agrada pensar que talvez possamos traduzir as coisas de um conjunto de terminologias para outro ou pelo menos falar entre terminologias ou de uma locação de produção cultural ou crítica para outra. E acho que há um momento ideal utópico no qual claro os homens negros brancos e morenos estão livres para entrar no discurso feminista como qualquer pessoa. No nível onde o essencialismo de raça ou gênero e hipoteticamente é banido a diferença não é mais a única questão crítica. Essa possibilidade é precisamente a questão de lutar com essa terceira posição e imaginá-la mesmo que ela não possa se realizar no sentido prático pelo menos não tenha se realizado. Mas para mim é muito mais importante o fato de termos consciência de que é possível pensar em avançar para essa posição porque ela possibilitaria o desenvolvimento de intelectuais progressistas de cor.

Mas não sou eu como uma das duas mulheres de cor que falaram nesta conferência quem tem o poder de determinar se o feminismo de esquerda deixará ou não os homens falarem. Mesmo que eu diga que pode e o fará é importante lembrar que as feministas negras jamais falaram pelo feminismo (branco). Aliás foi sempre ao contrário o feminismo branco falando pelo feminismo negro. Pode ser até o caso quando uma feminista negra fala.

Sandra Basgall As mulheres sempre tiveram de encontrar voz dentro das fendas do tecido social e nos aqui de certo modo somos privilegiadas porque temos voz. Como encontraremos meios de dar voz a pessoas que não têm meios de encontrar essas fendas dentro da sociedade? Como lhes damos voz de outro modo que não falando nos mesmas mesmo que a representação não seja inteiramente exata? Contudo ela começa a fazer as pessoas pensarem.

Wallace Bem eu acho que talvez o único meio de realmente dar voz e dar voz. Mas o que eu gostaria

de enfatizar e que podemos ser as fendas ou a fronteira ou as margens como uma posição no discurso. Quero dizer que as fendas de que falou Stuart Hall podem ser não apenas uma locação, mas um processo que vale a pena manter, que o feminismo pode ser um processo que subverte a consolidação do conforto de todos de tomar uma posição final. É assim que penso no feminismo como um tipo de desconstrução. Assim, talvez o que eu penso por dar voz seja esse processo de desconstrução no qual a gente se nega voz de vários modos analítica e literalmente, deixando com isso um vazio (estou pensando na sala de aula) a ser preenchido por aqueles que normalmente não falariam.

E a ideia do feminismo entrando pela janela de que falou Stuart que quero ver continuada como uma posição feminista que possa ser preenchida de diferentes formas por pessoas que ainda não têm voz. E por voz na verdade quero dizer autoridade ou o poder de definir experiência. Tal posição feminista daria voz na medida do possível. Não estou certa de que se pode dar voz, como em eu dou isso a você, como um par de brincos. Mas o que acho que a gente pode fazer é permitir e dar espaço para que aconteça.

No que eu estava pensando era na discussão após o trabalho de Janice Radway, quando alguém falou de Fanny Hurst e da popularidade de sua obra. Na verdade não conheço muito Fanny Hurst, a não ser o que Zora Neale Hurston disse dela em sua autobiografia *Dust Tracks in the Road* [Marcas de poeira na estrada]. Zora Neale Hurston trabalhou como criada dela. A popularidade de Hurston como escritora flutuou tanto enquanto era viva que ela terminou trabalhando como criada no fim da vida, após o que morreu sem viver num asilo de velhos.

Uma das coisas que estou tentando enfatizar aqui é que não acho que a popularidade entre o grande público atue necessariamente do mesmo jeito para autores negros ou autoras negras (ou autores nativos americanos ou latino americanos, alias). Em vista disso que significam de fato observações gerais sobre livros que vendem muito e sucessos de grande público que não falam de raça e etnicidade?

A segunda questão é que a maneira de deixar essa voz sobre Hurston trabalhando como criada de Hurst ocorrer não é necessariamente ter sempre de assimilar e integrar todas as vozes fragmentadas para chegar a uma espécie de supervoz. Talvez o melhor meio de modificar o que foi dito sobre Hurst não seja necessariamente incorporar a observação sobre Hurston, que a propósito poderia ser melhor feita no discurso da própria Hurston do que em qualquer discurso

academico mas antes dar oportunidade na sala de aula ou na conferencia ou onde quer que seja para que ocorra a possibilidade desse tipo de dissonancia

Janice Radway Eu tambem sugeriria que temos de ampliar nossa noçao de voz Na verdade ha pessoas la fora que tem vozes Falam em linguagens e praticas que normalmente nao tentamos ouvir O problema e nossa capacidade de ouvir discursos diferentes A questao e que eles ja estão falando com açao com furia com raiva e ainda nao sabemos como escuta los O problema realmente sao nossas praticas de ouvir

Wallace Eu concordo absolutamente Mas claro quando falo de pessoas as quais se nega voz as praticas individuais de fala sao apenas um nivel disso Tambem me refiro a negaçao de voz em niveis coletivos e institucionais A gente pode dizer que tal silencio ou tal falta de voz e construida cultural e/ou socialmente Como tal esse vazio ou abismo nao e necessariamente afetado pelo numero real de vozes que podem estar tentando falar nessas comunidades ou mesmo pelo desejo daqueles entre nos que podem estar atentos para ouvir essas vozes Desconfio de que o componente que falta para fazer algumas mudançãs nessa situaçao tera de envolver alguma reconstrucao fundamental na produçao de conhecimento

Pergunta Eu gostaria de dizer que e importante que conferencias como esta reexaminem o papel de suas instituicoes em outros paises por exemplo na India Em tais paises debate se a disseminaçao da cultura americana ate mesmo da cultura intelectual e acadêmica Infelizmente nao ha reciprocidade nessa situaçao e nossas vozes sobretudo em vista da complicaçao da traduçao simplesmente nao sao ouvidas aqui Acho que instituicoes como o USIS e a Fundaçao Ford e assim por diante nos inundam de informaçoes sobre a America Talvez deveresemos pensar sobre se essas instituicoes poderiam ser veiculos para que nosso trabalho chegasse ate voces Isso e uma coisa que voces devem fazer nao que estamos pedindo E uma coisa que acho que voces devem exigir e criar um espaco dentro dos estudos culturais Ja ouvimos repetidas vezes as vozes de voces

Elsbeth Probyn Quero perguntar sobre a televisao na sala de aula pois e uma coisa que une professores e alunos permitindo a uma geracao mais jovem de mulheres forjar relaçoes com a teoria feminista Eu

estava pensando como é importante ou foi o programa de Oprah Winfrey para suscitar questões por exemplo sobre as representações da mulher negra. E estava imaginando se você poderia comentar as positivities no sentido de Foucault do que Oprah deixa que se diga em seu programa.

Wallace Eu gosto de televisão, mas não gosto de ver o programa de Oprah Winfrey na maioria das vezes. Não sei exatamente o que é aquilo. Ainda estou tentando decifrar. E talvez seja apenas uma sensação de direito sobre ela ou o que acho que ela deveria estar fazendo por ser negra. Mas minha estratégia intervencionista na verdade se baseia em meu relacionamento com as instituições acadêmicas que ainda é creio mais ou menos marginal, embora cada ano menos. Mas ainda me sinto como se não tivesse um lar acadêmico em termos de disciplina, e esta conferência na verdade enfatizou isso para mim. No meu caso, ter um lar acadêmico talvez seja uma condição necessária para poder oferecer um novo espaço cultural a vozes marginalizadas, não apenas a minha própria. Se os estudos culturais americanos vão ser o meu lar acadêmico, ainda vamos ver. Mas se assim for, já posso prever muitos problemas. Não creio que será um ajuste mais confortável do que foi para mim o inglês, o jornalismo ou a ficção. Já tive a experiência de estar num departamento que se vê como de esquerda (Estudos Americanos na SUNY Buffalo) onde a gente vive constantemente engajada em criticar o centro e a chamada esquerda, queira ou não. Estar institucionalmente situada à esquerda pode ser problemático, sobretudo se a gente é negra, porque tem de lidar com o racismo de esquerda e da direita simultaneamente.

Portanto, no momento, minha estratégia continua sendo de intervir nas práticas de outros a partir das margens de seus discursos. Vou sair desta conferência sentindo que essa é a única posição viável para mim. Fiquei realmente fascinada com a defesa de Cornel West da necessidade da gente se engajar nas culturas marginalizadas e na cultura da vida do dia a dia. Por outro lado, como feminista negra que se sente embasada numa variedade de comunidades marginalizadas, insisto em me deixar espaço para uma perspectiva crítica em tais assuntos, como também em relação ao *status quo*. Jamais vou ser uma etnógrafa desapaixonada, politicamente correta, sobretudo porque me sinto inteira e demasiadamente implicada nas práticas culturais do marginal e do dia a dia.

Pergunta Eu sou do departamento de Cinema e Televisão, onde temos tanto produção de cinema e

televisão quanto estudos críticos de cinema e televisão. A maioria dos estudantes quer vencer na indústria de cinema e televisão de Hollywood. Contudo, muitos deles simpatizam com os tipos de assuntos, sensibilidades e políticas que estamos discutindo aqui. Mas acham as categorias críticas dos estudos culturais muito restritivas. No fim, as duas áreas são completamente separadas, não há comunicação, há muita animosidade. Eu sinto que, em certa medida, os estudos culturais deixaram de encarar esse tipo de questão. Você tem alguma ideia a respeito?

Wallace: Eu estava pensando na mútua exclusividade entre o compromisso crítico com a televisão e a recepção concreta da própria televisão. O que eu estava pensando era nas pessoas que planejam entrar nessa atividade, me parece que o que eles vão enfrentar na grande televisão nos Estados Unidos vai ser essa estrutura ou estruturação avassaladora que consiste não apenas no tipo de hegemonia da televisão, mas também no relacionamento de tudo na televisão com tudo mais, o fluxo. Quanto mais impressionante a diferença das novas coisas que vocês conseguiram fazer na televisão, mais a diferença será solapada pelo fluxo. Mesmo as exceções provam a regra. Em outras palavras, ao tentar imaginar alguma coisa que de algum modo rompa com a atual hegemonia cultural, ou a transforme, nos vemos bloqueados pelo que Jameson chamou de "ideologia da forma". No caso das redes de televisão dos Estados Unidos, estamos falando sobre coisas bastante óbvias, como três minutos de comercial a cada 12

Portanto, embora eu goste de televisão, sobre tudo das comerciais, que são muitas vezes as mais formalmente inovadoras, tendo a achar que é absolutamente necessário ensinar as pessoas a lê-la criticamente e reforçar todas aquelas práticas pelas quais as pessoas normais não se concentram exatamente em ver televisão ou respondem à tela de televisão, e assim por diante. Assim, parte da leitura crítica que podemos ensinar, e que os jovens que veem televisão podem nos ensinar, e resistir à leitura não negociada. Também acho que a gente deve buscar a possibilidade de ir além das estruturas existentes, além do PBS e o cabo. Por exemplo, tem muitos vídeo-artistas fazendo um trabalho que contesta as práticas correntes de televisão. A reforma da televisão é absolutamente crucial, pois o impacto das práticas da grande televisão é global. Como tal, tendo a crer também que seja central tanto para o que vai bem quanto para o que vai mal na vida diária das pessoas de cor dos Estados Unidos e outros lugares.

Pergunta O que eu quero saber e como podemos usar o feminismo como um instrumento para ajudar a desensinar as mensagens inseridas sobre a mulher negra como um artefato como uma tradição como um arquétipo como mãe como sedutora como incompetente são essas as mensagens que passam na cultura popular Como podemos ensinar então não apenas as coisas que acontecem com a mulher negra mas também com o homem negro? Estou mais preocupada com os homens negros aos quais se nega o direito de cantar músicas da Motown vestidos de passas do que com o que algumas mulheres negras destacadas fazem com eles em seus romances

Wallace Bem eu não sei Mas sua pergunta me lembrou o que há em Oprah que me interessa e que bloqueia minha capacidade de realmente lidar com ela como apresentadora de um programa Ela está se preparando para se tornar uma grande produtora de textos feministas negros no sentido mais amplo Já tem sua própria empresa de produção produz seu próprio programa Quando começar a produzir as versões cinematográficas de *The Beloved* ou *Their Eyes Were Watching God* quero que a minha crítica cultural esteja pronta para enfrentar a possibilidade de tais filmes não serem diferentes de *A Cor Purpura* Muita gente ainda vê Oprah Winfrey Bill Cosby e Eddie Murphy como celebridades visíveis quando de fato o que mais importa no fenomenal sucesso deles é que se tornaram produtores Os atores brancos geralmente se tornam diretores e produtores Acontece mais raramente com os atores negros e muito mais raramente com atrizes negras Debbie Allen que trabalhava na série *Fama* e atuava como sua coreógrafa agora dirige *A Different World* produzido por Bill Cosby Mas Oprah vai ser realmente a primeira produtora negra poderosa de televisão e cinema Como crítica cultural eu gostaria de poder falar sobre o motivo de isso estar acontecendo e se representa ou não qualquer mudança no *status* das mulheres de cor no mundo Em um nível para o primeiro estágio do feminismo ou feminismo negro será um avanço momentoso para as mulheres negras o fato de uma de nos finalmente ter entrado na esfera da produção cultural Que mais vai significar?

Lidia Curti Durante minha pesquisa em textos de séries de televisão e seu consumo me pareceu enfrentar muitos problemas para diferenciar o bom do ruim Embora ache que o problema do bom e ruim é basicamente uma questão estética pois toca os motivos pelos quais a gente gosta ou não gosta de alguma coisa a

qualidade do prazer o modo como elas se intersectam com as linguagens formais etc também se intersecta com os problemas de género raça classe nacionalidade Por exemplo o bom e o ruim muitas vezes se definem em relação a quem vê o que Em geral um bom programa é visto por certos grupos que podem defender a qualidade do programa Muito trabalho interessante poderia ser feito sobre a recepção de certas ficções por várias minorias étnicas dentro de uma cultura dominante

Wallace Eu acho que como professora me interesso cada vez menos pelo que é bom ou ruim Tenho certeza que muita gente acha em nível prático no dia a dia de uma sala de aula que se alguém medir o que é bom ou ruim pelo prazer que dá encarando o prazer como um correlato de estético vai verificar que tais questões são em grande parte determinadas pela educação classe (exposição prévia) origens socioeconômicas género preferência sexual contexto cultural e em alguns casos questões psicológicas pessoais O que quero frisar aqui é que o bom e o ruim não permanecem os mesmos Não são universais consistentes ou mesmo singulares São historicamente variáveis Isso não significa que não adianta falar de qualidade estética Significa apenas que a qualidade estética se torna mais uma variável numa discussão de variáveis relativas

TRADUÇÃO DE MARCOS SANTARRITA